

# Com tanta confusão, a crise se prolonga

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Quem disser que sabe o que vai acontecer está brincando ou desinformado. A confusão político-partidária é geral. O quadro fica cada vez mais embaralhado. O presidente da República atirou no que viu e acertou no que não viu. Contava com o apoio maciço do PFL e não está conseguindo. Contava com o agravamento do racha no PMDB e o partido continua resistindo.

O documento-compromisso de "desenvolvimento e democracia" ainda não teve o apoio formal do PMDB. Nem a rejeição. No PFL, os dirigentes oficiais não o apoiaram, nem o rejeitaram. Cada lado tem suas exigências próprias, perturbando os planos do presidente da República, de apresentar-se como governante de posições e decisões firmes.

O pragmático e experiente presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, tem sido pressionado por emissários do Planalto a garantir o apoio reclamado, sem maiores exigências. O deputado paulista já se está irritando com o cerco dos amigos de Sarney, chegando a desabafar: "Será que o presidente desconhece as dificuldades que temos no partido, para lhe dar o cheque em branco"?

Desde o anúncio do presidente da República do novo pacto político — juntamente com o aumento dos combustíveis —, líderes e dirigentes do PMDB e do PFL, cada um do seu lado, estão em reuniões permanentes. Até agora, nenhum dos dois acertou suas linhas. O PMDB não tem condições internas para aprovar o texto integral do documento-compromisso. Há excessos de um lado e omissões de outro. O presidente do PMDB não entendeu até agora por que o presidente não destacou, no documento, questões relacionadas, por exemplo, com ciência e tecnologia e com a cultura. Tradução: Ulysses Guimarães não pretende aceitar calado a anunciada extinção das Pastas de Renato Archer e Celso Furtado.

A influente corrente do PMDB, liderada por Mário Covas, à distância, e Euclides Scalco, ao vivo, não concorda com muita coisa do pacto. Esse grupo, no qual se destacam também Fernando Henrique Cardoso e Pimenta da Veiga, continua lutando pela não-ingerência do Planalto em problemas específicos da Assembléia Constituinte — sistema de governo e duração de mandato presidencial, por exemplo. A conversão de parte da dívida externa em investimentos deve ter participação direta do Legislativo — é outra exigência, entre várias.

Os mais ligados a Covas e a Scalco não parecem dispostos a ceder aos apelos de Ulysses Guimarães, de apoio a um documento-compromisso com alterações, se não for respeitada a decisão do órgão

máximo do partido — a convenção nacional. Em julho, até por obra e graça do próprio Planalto, a maioria dos convenencionais do PMDB decidiu não decidir, detrazendo a consciência de cada constituinte o voto sobre sistema de governo e duração de mandato presidencial. A Comissão Executiva, dizem eles, não tem competência para anular deliberação da convenção nacional. Muitas complicações à vista.

O líder em exercício do PMDB na Constituinte, Euclides Scalco, não está agindo à revelia do líder licenciado. Ele tem mantido contato frequente com o senador Mário Covas, por telefone. O que Scalco está fazendo tem o aval do titular. Na opinião do líder em exercício, o documento-compromisso não tem grandeza. É uma proposta menor, provinciana, que caberia, "com todo o respeito", numa relação entre prefeito e vereadores do interior do Maranhão. Nunca em âmbito nacional. Fica o registro à quem interessar possa.

Ciente de que sem seu apoio o presidente terá de rever suas posições, o PMDB não está disposto a virar a mesa. Não quer pagar para ver. Mas também não pretende apoiar o pacto integralmente. O secretário-geral do partido, deputado Milton Reis, amigo de Sarney e presidencialista convicto, sugeriu, e o PMDB aceitou, a elaboração de um "compromisso substitutivo". O PMDB aprovaria o documento presidencial "ressalvador os destaques", isto é, incluiria alguns itens e suprimiria outros. O texto assim composto seria submetido à Comissão Executiva Nacional, amanhã. Aprovado, seria apresentado ao presidente da República como proposta do partido, com uma única assinatura — a de Ulysses Guimarães. Para pegar ou largar.

No PFL, o quadro não é menos complicado. A decisão da direção do partido de examinar o documento-compromisso por estágios, até alcançar a convenção nacional, no início de novembro, desagradou muito ao Planalto. Irritado, frustrado e decepcionado com o PFL, o presidente Sarney colocou em campo dois ministros seus, de ligações quase fictícias com o partido — Antônio Carlos Magalhães e Abreu Sodré. De quebra, acionou também João Alves. Os três estão com a missão de esvaziar o comando formal do PFL, buscando apoio antecipado e à revelia da decisão partidária. Os ministros estão agindo mais sobre os pessimistas, mas sem descuidar dos moderados do PMDB do PTB e do PDS. O racha previsto no PMDB está acontecendo mais no PFL, com o risco de o governo perder as principais figuras desse partido, companheiros da primeira hora de Sarney como Aureliano Chaves, Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Guilherme Palmeira e outros. Sem eles, o PFL não estará representado como partido no governo.